4.º ANO LISBOA—QUINTA-FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 1925 N.º 1164

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

A REFORMA

AGRARIA

Tem-se especulado tendenciosamente com a minha aprendisagem de lavoura no Alentejo. Ora ninguem sabe melhor do que eu os documentos que tenho na carteira e as contas da minha casa. E esses documentos e contas mostram sem contradita possivel que, *se eu fosse pequeno lavrador*, viveria muito feliz na minha propriedade de Sequeiro, dos arredores de Evora.

Ha um engano redondo nas pessoas que se têm referido ao caso: eu não fui para o Alentejo, em 1915, para fazer uma experiencia de colonisação, isto é, *para fixar uma ou mais familias minhotas em terras* **de posse dessas familias.** Os fins que lá me levaram foram outros: 1.º—Viver no meio social e agricola do Alentejo para acertar os meus conhecimentos de leituras e viagens consecutivas por lá; 2.º—Estudar as condições economicas da exploração de uma propriedade mediana *de sequeiro*, fóra dos pliocenos, como disse nas *Leivas da Minha Terra*, onde publiquei as notas desse estudo, aliás necessario para não sonhar.

A planta e condições do terreno estão naquele opusculo, cumprindo notar que é muito menor a area efectiva de horta do que a representada (que era a pretendida), assim como menor a area florestal em eucaliptos.

Quando entrei na quinta, a 2 de Setembro de 1916, com a minha gente, estava o chão todo rapado por um rebanho de ovelhas e uma vara de suinos do vendedor.

Tinha recebido a casa completamente desguarnecida de moveis, ferramenta, maquinas e alimentos: paredes e terra nuas.

Iniciei a minha lavoura com dois vagons de gado que trouxe do Minho: seis vacas e seis bois; e meia duzia de ovelhas de Souzel.

Pelo começo de Dezembro de 1916 a gente da minha lavoura—uma familia—foi-se embora; e eu fiquei com os pedreiros. Situação delicada. O mestre pedreiro, que andou comigo na escola da minha aldeia, ofereceu se para lavrador. Foi passar o Natal á terra (emquanto eu tomava conta do gado e semeava com um criado minhoto) e voltou com dois filhos e uma criada.

Trabalhámos muito em 1916-17. O meu companheiro tomou o compromisso de proceder em tudo tal qual eu indicasse, embora estivesse convencido de que estava a fazer as coisas ás avessas.

Desde o primeiro dia, sentimos a hostilidade da gente onde cairamos; mas os meus visinhos eram muito bons e amigos.

As vacas e as ovelhas criaram logo nos primeiros meses. E no fim do primeiro ano, tinhamos colhido a nossa alimentação e vendido muitas coisas: alguma fruta e azeitona, fava, grão de bico, aveia, cevada, trigo, milho, sorgo e lã, fechando as conta com pequeno lucro.

No segundo ano, (1917-18) pelas lições á nossa custa, seguimos outro processo de cultura de trigo—uma especie de «metodo integral»—então a semeador e a sachador. A ceifeira, logo no primeiro ano.

Tendo comprado mais vinte e sete ovelhas, fechámos o ano com cincoenta e tres cabeças.

Havendo vendido no primeiro ano duas vitelas, e ficado com quatro, vendi no segundo três, e fiquei com mais. As colheitas do segundo ano foram maiores, e o lucro satisfatorio. Começámos a vender leite de duas vacas turinas; e queijos das ovelhas.

Vendemos borrêgos e ovelhas idosas.

No terceiro ano (1918-19) estavamos senhores do oficio. As colheitas foram boas; o gado estava no numero maximo: doze bovinos adultos, dez miudos, e mais de cem ovelhas. Bom lucro. Vendemos muitas coisas; tinhamos a nossa casa com abondamento.

Se toda a terra de sequeiro do Alemtejo produzisse por hectare tanto como a minha então, Portugal seria riquissimo!—E não cheguei a fazer o silo.

No entretanto, o nosso pedreiro-lavrador precisava de casar os filhos e as filhas; e possuia já uns patacos com os quais sonhava comprar um campo na nossa terra. Eu tive de ir fazer uns trabalhos de engenheiro ao Douro e á Africa; e na volta havia de continuar como engenheiro, em vida errante, pois não herdei fortuna de ninguem, nem tinha lugar rendoso na politica, como alguns filhos de lavradores que não lavram. Não têm estes—nem os grandes lavradores, em cujo dominio o meu terreno podia caber cem ou duzentas vezes—o direito de exigir de mim que deixasse de empregar a minha actividade em outro trabalho tambem util á nossa gente, depois de desempenhada a tarefa de que me incumbira.

Com os meus bois, as minhas vacas, as minhas jumentas, as minhas aves, as minhas arvores e as minhas sementeiras, passei os dias mais felizes da minha vida; com o sonho de cuidar de tudo isto decorreram, como se apenas durassem um dia, os meus primeiros anos de casado: a minha filhinha, que lá nasceu, quando ha meses lá voltou, comeu figos e ameixas das arvores novas, e viu já grandes os eucaliptos e os choupos que ela, do colo da mãe, me viu plantar...

Não estejam penalisados com os meus prejuisos pela balda de lavrar. Foi o melhor emprego de capital da minha vida, embora hoje não me renda tanto como quando eu era cultivador.

Ezequiel de Campos
Ministro da Agricultura

ENTRE os membros da comissão organizadora, o ilustre chefe do distrito e o Automovel Club de Portugal, está sendo combinado o programa da *Gymkana* que se efectuará na Avenida da Republica por ocasião da grande prova automobilista Lisboa-Porto-Lisboa, promovida pelo nosso jornal, a favor dos desprotegidos da sorte.

Ha grande interesse nos meios automobilistas por esta iniciativa, estando os representantes de varias marcas dispostos a inscrever-se na principal prova.

A incrição, que é de 2.000$00 está aberta no *Diario de Lisboa*, até ao dia 30, ás 16 horas.

* * *

INFORMA-NOS pessoa que nos merece confiança de que se está trabalhando, afanosamente, para que a comemoração do 4.º centenario da morte de Vasco da Gama seja luzida, embora sem luxos ou pompas desnecessarias.

Folgamos muito com isso.

Como já aqui dissémos, ninguem tem direito a perturbar o sono dum morto ilustre, evocando a memoria do seu nome e a grandeza dos seus feitos num triste cenario de pelintrice que a retorica nunca conseguirá converter em purpura ou tela de brocado.

* * *

NO Aterro—visinhanças do Mercado da Ribeira Nova e da linha de Cascaes—fizeram-se hoje grandes descargas de lixo.

Não nos referimos a isto com o proposito de irritar seja quem fôr.

Desejamos unicamente que Lisboa saiba que os focos de infecção são, entre nós, campos municipais de recreio.

O mau fetido que a fermentação do lixo exala entrou já tanto nos nossos habitos que ha já pessoas que o respiram com a impressão de cuidarem da sua imortalidade.

* * *

O PROFESSOR Peterson, da Universidade de Berlim, falando num «meeting» organizado pelos nacionalistas, sustentou que o sucessor do presidente Ebert deve ser o dr. Eckener, que conduziu aos Estados Unidos o «Z.-R.-3.»

Se a politica assentasse nos mesmos principios que a aeronautica, o professor Peterson teria razão.

Infelizmente ela é muitas vezes uma simples arte de andar de rastos, embora dando a ilusão que nos leva para as estrelas.

* * *

O JANTAR intimo que as direcções das associações Industrial, Comercial e da Agricultura oferecem ao sr. dr. José Carlos de Macedo Soares, ilustre director da Associação Comercial de S. Paulo realiza se na proxima segunda-feira, no restaurant Tavares.

* * *

O SR. ministro da Agricultura, acompanhado do chefe do seu gabinete, vai a Santarem no «rapido» de ámanhã de manhã, a fim de visitar a Coudelaria Nacional e, possivelmente, outros estabelecimentos dependentes do seu ministerio.

* * *

PARA os jornalistas, abre amanhã depois do meio-dia, nas Belas Artes, o *Salão de Outono*, que certamente vai constituir um grande exito artistico.

ESTE eco não é um reclamo. E' um grito de alarme. A'manhã vai á praça, no leilão que no edificio do Calhariz se está realizando, uma preciosidade bibliografica que nenhuma das nossas bibliotecas possui, visto que dos quatro exemplares conhecidos só temos um, na Biblioteca de Evora, mas incompleto. Referimo-nos á rarissima edição da *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, de Colonia, de 1559. Iremos assistir, ámanhã, a mais este doloroso espectaculo de vermos ir para o estrangeiro edição tão rara e tão preciosa? Não seria possivel, embora mercê de um esforço monetario, que o volume fosse adquirido pela nossa Biblioteca Nacional? Não o sabemos. O nosso grito de alarme aí fica. O resto, infelizmente, não é comnosco...

* * *

O ILLUSTRE escritor e academico, sr. Henrique Lopes de Mendonça, um dos vogais da comissão, já dissolvida, encarregada de apresentar ao governo um plano para as festas do centenario de Vasco da Gama, disse-nos hoje, que, como português e como escritor dado á historia da nossa epopeia e das nossas glorias maritimas, sente que para receber as embaixadas e as guarnições selectas dos navios que nos visitam hoje, não se tenha começado ainda a fazer, como uma tregua na politica, a preparação do espirito publico.

E', em sintese, o que dizemos no artigo da redacção e que publicamos na 4.ª pagina.

Nada mais verdadeiro.

* * *

DA Imprensa da Universidade saiu um volume de *Homenagem a Antonio Augusto Gonçalves*, em que se reunem as justas palavras dos escritores e artistas que, conhecendo a sua obra, apreciam tambem o seu caracter austero.

O homem que em Coimbra tem sido o mestre de tantos artistas, o restaurador consciencioso de monumentos e o defensor vigilante duma tradição que, se ele não fôra, se perderia no esquecimento, encontrou, emfim, num grupo de amigos, quem soubesse avaliar o seu esforço desinteressado e nobre

* * *

O SR. dr. Filipe Mendes completou ontem um ano no exercicio do seu cargo de governador civil. Foi para ele um dia de festa, visto que só recebeu provas de simpatia. A sua acção, principalmente em materia de assistencia, não podemos deixar de a classificar de notavel.

O *Diario de Lisboa* envia-lhe os seus cumprimentos, desejando que os maus ventos da politica o não afastem do governo civil

* * *

O SR. Costas Nearchos, ilustre consul geral da Grecia em Lisboa, foi nomeado pelo seu governo para o representar nas festas do 4.º centenario da morte de Vasco, da Gama, com a categoria de ministro de primeira classe, em missão especial.

O nosso ministerio dos Estrangeiros, apenas recebeu a respectiva notificação, escolheu um dos seus funcionarios que ficará ás suas ordens, durante os dias da comemoração.

* * *

FORAM nomeados para fazer parte da embaixada especial para as festas do centenario de Vasco da Gama, os srs. dr. Lafayette Carvalho da Silva, dr. José Roberto Macedo Soares e dr. Themistocles Graça Aranha.

Em S. Carlos

"Manon,,

Cada ano que passa vai confirmando a categoria de obra prima neste modelo das operas-comicas francesas, que marca o ponto culminante da criação artistica do seu autor, obra «sentida» e não «feita» como a «Thaïs» ou a «Roma», e que nenhum musico poderia sentir como Massenet. A estilização admiravel do ambiente seculo XVIII que atinge o maximo de perfeição nos bailados, a graça ao mesmo tempo ardente e leve, eminentemente francesa do conjunto, resultam mais de uma interpretação como a d› ontem, na lingua e na fórma originais. Pena é que essa interpretação fosse tão prejudicada pela insuficiencia dos córos e corpo de baile. Embora, como vamos dizer, a sr.ª Marchal não nos tivesse agradado, os quatro interpretes principais que acabamos de ouvir, noutro ambiente, creado por córos e bailados bons, ter-nos-iam dado um conjunto muito aceitavel. Como o di› algures a protagonista, a «Manon» não é compativel com a miseria.

A sr.ª Julienne Mar...al dá-nos momentos agradaveis seguidos de grandes decepções e o que é mais extraordinario é que essas decepções surgem frequentes vezes de passagens iguais a outras que a simpatica artista acaba de cantar bem.

Já lhe tinhmos notado essas desigualdades na «Micaela» da «Carmen» vendo-as com desgosto reaparecer agravadas na «Manon», e nomeadamente no acto do «Cours la Reine». Podemos, contudo, elogiar o adeus do segundo acto, vocalmente acertado e dito com emoção verdadeira. Ao terminar este trecho, e no acto dos bailados, a sr.ª Marchal ouviu aplausos.

Embora o tenor Lapelleterie seja sempre um artista de valor, achamos-lhe a voz um pouco dramatica demais para esta opera e especialmente para o «sonho». Apesar disso, e do falsête de que o nosso publico não gosta, mas que o sr. Lapelleterie emprega como todos os tenores franceses e seguindo as regras da arte de canto peculiar ao seu paiz, o «sonho» foi muito aplaudido e bisado. Na passagem mais dramatica do quadro de S.t Sulpice: «Ah fuyez douce image», o sr. Lapelleterie poude largar toda a voz e empregar a bela acentuação dramatica que já lhe tinhamos admirado na «Carmen», e que, segundo nos consta, faz dele o mais notavel «Warther» que se tem ouvido em Lisboa. Escusado será acrescentar que neste quadro do terceiro acto o sr. Lapelleterie de novo foi ovacionado com caloroso entusiasmo.

O baritono Magnenat e o baixo Combe, corrector, não desmanchando o sr. Par not na pequena parte de Brétigny.

A primeira bailarina Johnsson, figura ideal de Lancret ou de Boucher, foi com inteira justiça aplaudida, mais fazendo notar, pelo brilho da sua arte, a pobreza que a rodeava.

Os córos, como sempre, muito maus.

Como já dissémos, nem são córos, são octetos ou nonetos de vozes que não se pódem ouvir individualmente e que ainda por cima vão pouco certas.

O maestro Grovlez dirigiu bem como sempre, distinguindo-se no acompanhamento do «sonho» e nos bailados, em um unmero do quais, brilhou num sólo de violino, o notavel artista René Bohet.

LUIZ DE FREITAS BRANCO

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=A's 21—«Werthes».
Nacional=A's 21=«Dicky».
S. Luis=A's 21,30—«Benamôr»
Politeama=Não ha espectaculo.
Trindade=Não ha espectaculo.
Avenida=A's 21,15—«Paris-Monte Carlo».
Apolo=Ás 21,30=«Amor de perdição».
Eden=Ás 21,30=«Pic-Nic».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Onze mil virgens».
Gil Vicente=Aos domingos e segundas feiras, ás 21,30 «D. Inês de Castro».
Coliseu dos Recreios=As 21=Companhia de circo.
Salão Foz=A's 21=Variedades e cinema.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Eden Cinema=Rua do Alvito.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem=Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise=Gampolide=Quartas, quintas, sabados e domingos.

TINTURARIA INGLEZA
INSTALAÇÃO MODELAR
Rapidez, Perfeição e esmerado serviço especial para entrega e recepção aos domicilios.
Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 29, 4.º
Telefone Central 3706

SANGUE REAL

Anas
Marias Anas
e Marianas
na Historia de Portugal

Por mais duma vez tenho notado, que varios escritores ao ocuparem-se de Rainhas, Princesas ou Infantas, baptisadas com os nomes de Ana, Maria Ana e Mariana, não se têm preocupado com o seu verdadeiro nome, sendo rara a vez, que lhe dão aquele a que têm direito.

Tambem por vezes tenho notado não serem exactas as datas do nascimento e da morte, palacios onde nasceram e morreram, e finalmente onde estão sepultadas.

A breve noticia que venho apresentar (aqueles que se interessam ainda por estes assuntos), é extraida de documentos consultados para um estudo cronologico, em preparação, que virá, depois de concluido, facilitar muitas pesquizas.

Percorrendo a nossa historia encontramos as seguintes Anas:

D. Ana de Austria, filha do Imperador Maximiliano II, 4.ª mulher de Filipe II de Espanha e 1.º de Portugal, com quem casou a 12 de Novembro de 1570. Morreu em Badajoz a 26 de Outubro de 1580 e jaz no Escorial.

D. Ana Mauricia de Austria, filha de Filipe III de Espanha e II de Portugal, nasceu em Valadolid a 22 de Setembro de 1601. Casou com Luis XIII e foi Rainha de França. Morreu a 14 de Maio de 1643.

D. Ana Antonia, filha de Filipe IV de Espanha e III de Portugal, nasceu em Madrid a 17 de Janeiro de 1635 e morreu tambem em Madrid a 5 de Dezembro de 1636.

D. Ana de Bragança, Infanta de Portugal, filha de D. João IV e de D. Luisa de Gusmão, nasceu no Palacio Ducal de Vila Viçosa a 21 de Janeiro de 1635 e morreu no mesmo dia, sendo sepultada no Mosteiro das Chagas. Prevendo a morte dum recemnascido, era costume da familia real, após o nascimento proceder-se ao baptisado, realizando-se a ceremonia oficial passados uns 15 a 20 dias. A segunda *filha* destes monarcas chamou-se *Joana* e não *Ana*, nasceu no mesmo palacio a 18 de Setembro de 1636 e faleceu na Quinta de Alcantara a 17 de Novembro de 1653, jaz em Belem.

D. Ana de Jesus Maria, filha de D. João VI e de D. Carlota Joaquina, nasceu no Palacio de Mafra a 23 de Dezembro de 1806, foi baptisada no mesmo Palacio a 18 de Janeiro de 1807, casou na Capela do Palacio de Queluz com o Marquês de Loulé, no dia 1 de Dezembro de 1827. Morreu em Roma a 22 de Junho de 1857, onde está sepultada na igreja de Santo Antonio. Num recente trabalho vem esta Infanta baptisada com o nome de Isabel...

As seguintes Marias Anas:

D. Maria Ana de Austria, filha do Imperador Leopoldo I, casou com D. João V a 27 de Outubro de 1708. Morreu no Palacio da Quinta de Baixo de Belem no dia 14 de Agosto de 1754 e foi sepultada na igreja de S. João Nepomuceno dos Padres Carmelitas Descalços Alemães no dia 16. Foi trasladada para um rico tumulo, obra do celebre estatuario Machado de Castro, no dia 28 de Julho de 1780, e, ainda novamente trasladada para o Panteon Real no dia 27 de Dezembro de 1855.

D. Maria Ana Josefa, filha de D. José e de D. *Mariana* Vitoria, nasceu nos Paços da Ribeira no dia 7 de Outubro de 1736, faleceu no Rio de Janeiro, na Quinta da Boa Vista, a 16 de Maio de 1813. Veiu o seu corpo para Portugal e chegou a Lisboa no dia 4 de Julho de 1821, tendo sido depositada no dia 7 no Convento de S. José de Ribamar. A 3 de Janeiro de 1822 foi trasladada para o Convento do Desagravo do Santissimo Sacramento no sitio de Santa Clara. Jaz no Panteon.

D. Maria Ana Fernanda, filha da Rainha D. Maria II e de seu segundo marido D. Fernando de Saxe Coboungo Gotha. Nasceu no Palacio das Necessidades no dia 21 de Julho de 1843, foi baptisada na capela do dito palacio a 10 de Agosto. Casou a 11 de Maio de 1859 com o Principe de Saxe e faleceu em Dresde a 5 de Fevereiro de 1884.

D. Maria Ana de Bragança, filha de D. Carlos e de D. Amelia de Orleans, nasceu no dia 14 de Dezembro de 1887, no Palacio Ducal de Vila Viçosa e faleceu pouco depois. Jaz no Panteon Real.

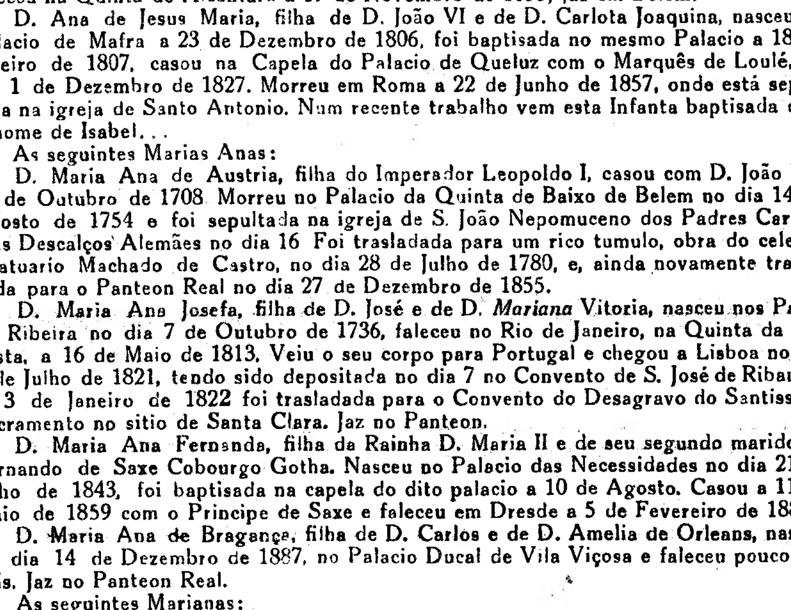
As seguintes Marianas:

D. Mariana Vitoria de Bourbon, filha de Filipe V e de Izabel Farnese, nasceu a 31 de março de 1718. Casou a 19 de Janeiro de 1729 com o Rei D. José I. Faleceu a 15 de Janeiro de 1781. Foi sepultada na igreja dos Religiosos Minimos de S. Francisco de Paula e no dia 11 de Dezembro de 1782 foi trasladada para o tumulo (obra de Machado de Castro), que ainda hoje existe na dita igreja.

D. Mariana Vitoria, filha de D. Maria I e de D. Pedro III, nasceu no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda no dia 15 de Dezembro de 1768. Casou no dia 8 de Maio de 1785 com o Infante de Espanha D. Gabriel e faleceu em Madrid.

Com esta pequena noticia dou os verdadeiros nomes a 5 Anas, 4 Marias Anas e 2 Marianas, que figuram na nossa gloriosa historia patria.

Antonio Caldeira Pires



Companhia Comercial e Industrial Portugueza, L.da

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Helena Leite Ferreira de Mello e Alvim, D. Julia Cardoso de Castilho Santos Silva, D. Maria da Conceição Pereira da Cunha Cayola, D. Maria do Carmo Rezende Barbosa, D. Maria do Ceu Villar Pinto de Almeida Fernandes, D. Maria Luiza de Noronha (Paraty), D. Alina Correia Pereira de Sousa Magalhães, D. Maria do Carmo Vianna Machado Mendes de Almeida, D. Maria Luiza de Vasconcelos e Sá Guerreiro Nuno e D. Alexandre de Saldanha da Gama.

E os srs.:

Marquez de Tancos, dr. Luiz de Bastos Feio Folque, Christiano de Magalhaes Vanzeller, José Diogo de Sequeira, Francisco de Vasconcellos Freire Cabral, Pedro Manuel de Oliveira Reis, Alfredo José Gomes de Mello, Manuel Hintze Ribeiro, Luiz Reynolds e Carlos Julio Faria Machado de Mello Ferreira Diniz.

—Faz hoje anos a sr.ª D. Elvira dos Prazeres Lopes, esposa do sr. Raul Alfredo Lopes.

Casamentos

—Na paroquial igreja de S. Jorge em Arroios, realizou-se o casamento da sr.ª viscondessa de Sanches de Frias, com o sr. dr. Augusto de Oliveira Coimbra.

A noiva distentissima pintora e pianista, é filha do falecido e erudito escritor visconde de Sanches de Frias, e o noivo é um ilustre e conhecido advogado da comarca de Arganil. Os noivos partiram para Arganil onde vão fixar residencia.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a senhora D. Helena de Lacerda de Moraes Cosmelli de Sant'Ana, esposa do sr. João Augusto Cosmelli de Sant'Ana.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Noites de arte

Em S. Carlos

Assistencia elegante á sexta récita de assinatura da opera:

Madame Cardoso de Oliveira e filhas, viscondessa de Silvares, Madame Lafayete Carvalho e Silva, madame Fiscovith, Condessa de Taboeira, D. Andrelina Morais de Carvalho e filha, D. Isabel O'Neill, D. Alice Schroeter de Oliveira Pires, D. Maria Inacia Cabral Moncada do Casal Ribeiro de Carvalho e filha, D. Sofia Laxmann Ferreira Pinto Basto, D. Maria de Saude Ayres de Caupers (Ameal), madame Carlos Gomes e filhas, D. Maria Helima de Carvalho e Almeida, D. Antonia Ferreira Pinto, madame Terra Viana, D. Amelia Pinto da Rocha, D. Maria Augusta de Forjaz Sampaio Trigueiros, D. Maria Bruno Heredia, D. Flora Bastos do Amaral e filhas, D. Maria J. de Barros Belmarço, D. Ana Maria de Barros de Morais, D. Maria do Carmo de Barros Pereira de Carvalho e filhas, D. Palmira da Costa e Silva, D. Elvira de Macedo Dias de Egas Moniz, D. Estefania de Macedo Dias de Macieira e filhas, D. Maria Salomé Correia de Sampaio Vasconcelos Porto, D. Sofia de Laxmann Ferreira Pinto Mac-Nicoll, D. Maria de Brissac Neves Ferreira, D. Maria Julieta da Costa e Silva de Brissac Neves Ferreira, D. Henriqueta Alves de Carvalho Simões, D. Maria Simões Ferreira Silva Ramos, D. Elisa da Cunha Viana, D. Hortense Costa, D. Amelia de Magalhães Diogo e filhas, D. Virginia Rebelo de Carvalho e Castro, D. Arselina Vante Mcreira (Taboeira), D. Maria Sofia Aguilar de Castro Solla, D. Luisa Pacheco Teixeira Rebelo de Carvalho, mesdemoiselles Monjardino, etc.

Nos salões

A sr.ª D. Eliza Baptista de Sousa Pedroso e o sr. dr. Alberto Pedroso ofereceram ontem na sua residencia á rua Borges Carneiro, uma grandiosa «matinée» ás pessoas das suas relações, na qual se fizeram ouvir a sr.ª D. Carolina Freire e o sr. Varela Cid, que a numerosissima assistencia aplaudiu com verdadeiro entusiasmo.

Um chá

Decorreu muito animado o «chá» realisado ontem de tarde no «foyer» do teatro Politeama, solenisando o aniversario natalicio do activo empresario sr. Luiz Antonio Pereira, o qual foi organisado por uma comissão de amigos e admiradores do homenageado, tendo assistido, alem dos artistas da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, grande numero de amigos.

Terminado o «chá», durante o qual se fez ouvir em um primoroso programa um eximio quartetó, foi oferecido pelas actrizes da companhia uma artistica salva de prata «repousee», com o escudo de D. Manuel e uma encantadora mensagem.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous», de tarde, na matinée, do Salão Foz, e á noite, no S. Luiz, recita da moda, primeira em que se representa a lindissima opereta espanhola «Benamor», que tanto exito obteve, ontem, na sua primeira representação, e, no Tivoli, sessões da moda.

Doentes

Está convalescente, tendo partido hoje para o Sanatorio da Guarda, o sr. José Manuel Alvares Pinto da Rocha.

Casa dos Tapetes e Carpetes
ENORME SORTIDO
DE
VELUDOS, SETINETAS, CRETONNES
E
DAMASCOS
25—Calçada do Carmo—25

Pensa oferecer o seu retrato?
Procure uma casa de confiança que junte á perfeição do seu trabalho uma absoluta seriedade de preços
FOTOGRAFIA BRASIL
Rua da Escola Politecnica, 141

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo.

OPINIÕES LIVRES

PAGINA

de Quinta Feira

por Norberto de Araujo

O livro do Sr. Camara Lima

Gomez de la Serna
Tomás Borrás

Li nestas ultimas noites um livro, de alguns—não muitos—que ainda aparecem na minha casa ou na minha mesa de redacção. Os livros que agora me aparecem com dedicatorias, que eu tanto prezo, como um abraço sincero, são de amigos, ou de pessoas amigas por afinidades de letras, por afinidades da estopada da vida de jornalismo, por afinidades de espirito, que são as melhores. Não tenho catedra de critico, nem disponho de facilidades para reclamar livros. De modo que só os amigos se lembram de mim.

Isto faz com que cada livro que me surge á hora em que me recolho a mim proprio, me pareça uma alma. Alma sempre eleita, a dos livros assim, oferecidos sem outro interesse que não seja a leitura dos meus olhos agradecidos.

O sr. Camara Lima, a quem devo finezas que não me envergonho de confessar, mais que finezas: delicadesas de coração e de sentimento, obriga-me a falar do seu volume, não por aquela circunstancia—porque seria afronta pagar uma amabilidade com cinco linhas pobres que não valem á opinião literaria ou mercantil—mas porque o livro é bom. «Para as vossas orelhas moucas» é um livro bom.

Dizem que o sr. Camara Lima, eterno rapaz, é rabujento como se fosse um velho! Ele, um velho, que nasceu ante-ontem! Eu sinto, a lêr o sr. Camara Lima, inveja do seu espirito ironico, que adoptou aquele sobretudo antigo de friorento da vida, para disfarçar a perpetua mocidade do seu coração.

Velhos são os que lamuriam a vida, romanticamente, sentimentalmente, arrevesadamente, e são assim desconfiados, timidos, maldicentes, quando não—o que é triste e decrepitamente peor—resignados, constantes na adaptação, perfeitos na subversiencia e na falsa submissão ás coisas.

O sr. Camara Lima queixa-se a sorrir, a fingir de zangado. Os homens, politicos adversarios, para quem a fortuna não é adversaria, são os seus pontos de referencia. Mas não o vejo atacando os homens; lei-o atacando de frente a obra desses homens, quando ela sae fóra dos limites que o facto consumado, mesmo assim, traça para os felizes da governação.

Ha neste seu livro, «para orelhas moucas», verdades como punhos. E estou que nenhum dos seus alvos se sentiu afrontado pelos comentarios de espirito facêto ou caustico, de que as duzentas paginas estão cheias.

E' um livro, este, em que a gente tem de crer. Nada ali é postiço.

Numa peça, não sei de que autor, não me lembro, e que Augusto Rosa representava, havia um personagem que queria, á fôrça, passar por patife. E todos lhe retorquiam, ás suas exclamações de maldade confessada:

—Mas você é uma esplendida creatura!
Ele, indignado:
—Eu, eu sou um grande patife!
E os outros, a rir:
—Você, é um santo!

O sr. Camara Lima não é um santo. Nem ele queria, com certeza. Nestes tempos, dar-lhe-hia muitos trabalhos. E' uma esplendida pessoa, que atura o fardo da vida, mas não atura a sua resignação. E esta bela rebeldia, onde o mau humor aparece do avêsso, a ponto de nos fazer supôr que «ainda bem que assim é», está posta com tanta elegancia de processos, com tão alevantada bizarria de maneiras, que os responsaveis pelos desconcertos da existencia, hão de chegar a pensar que vão por muito bom caminho—e segue.

E segue! O sr. Camara Lima ha-de fazer outro livro, e outro, até chegar á idade madura, e os homens hão de ser os mesmos, grosseiros, despotas, utilitarios, irreverentes.

Para as vossas orelhas moucas não é um livro de cronicas de arte. E' um livro de arte de fazer cronicas. O sentimento da desgraça alheia, do merito alheio, do calvario da existencia alheia, sentimento talhado em bom humor azedo e gracioso, como o limão de que se faz xarope, está em todo o seu livro tão a plenos pulmões, tão galhardamente, tão generosamente, que o volume se lê e relê sem que o sorriso canse, e uma bôa disposição para continuar a viver, forte e duro, se nos acabe. E ao cabo, aprende-se a sorrir...

O acontecimento de dia a dia—desde o episodio das letras ao episodio de economia domestica—passa no livro todo, como se a vida fôsse toda côr de rosa. O autor bem grita que ela é cinzenta.

Mas a gente não crê! Mas a gente não ouve nada. As nossas orelhas são moucas...

Naturalmente não era isto que a mocidade do sr. Camara Lima tinha em vista. E nós dizemos como o outro da peça:

—Mas você é um santo!

Silva Pinto de bom humor, Junqueiro espirito, sem blasfemia nem misticismo, Camilo na hora rara do seu genio feito criança, Bordalo a moldar bonecos em barro dôce com dedos que nunca se macularam de lama—eis o que é o sr. Camara Lima.

Da minha admiração, do meu respeito.

* * *

Ao lado de um livro de José Francés, a quem muito quero—*Los Muertos*—tenho agora os ultimos livros de Gomes de la Serna e de Tomás Borrás.

Em letras, prefiro os espanhois aos franceses. Em letras, e em muito mais. Mas digo em letras, porque de letras trato.

Gomez de la Serna, que tantos portugueses gostam de ler, e alguns admiram a ponto de o seguir — é um espirito infantil. Conheci-o, falei-lhe, vi-o trabalhar. Pareceu-me certo, igual a si proprio. Não conheço ninguem por quem ele se guie.

Eu posso dizer, por exemplo, a ler isto ou aquilo: «é Fialho, é Eça, é Trindade Coelho». Mas lendo Gomez de la Serna não posso dizer senão: «é ele».

Vai aqui uma admiração. A originalidade é uma fidalguia antiga que começa no proprio. Este Gomez de la Serna vive de escrever. Escreve coisas futeis! Santo Deus! Os senhores conhecem crianças? Naturalmente não.

Hoje não se usa conhecer creanças nem velhos. Conhecem-se homens e mulheres. Pois se em cada homem e mulher não houver alguma coisa de creança, deitem fora o conhecimento. A futilidade é como um brinquedo, inutil se não tem alguma coisa por fora ou por dentro que o anime.

Em la Serna os seus conceitos tem todos, como os ditos dos petises, uma filosofia. Uma beleza. As suas ultimas obras *El chalet de las rosas*, *El circo*, e este, *Cinelandia*, são interessantissimas paisagens da vida intima, concentrica, soberana, das coisas e das atitudes. O leitor, que leu estas obras, não acredita que eu goste de tudo o que lá está. Pois eu gosto de tudo, até do que parece mau.

Porque é sincero—e belo.

Em Gomez de la Serna a arte é assim. E se não é escultural — é correcta. Neste *Cinelandia* ha um pequeno capitulo ou apontamento formidavel. Aquele que diz de «la dulce Virginia», posta na rua. Paginas 208-209. Arripia. Como arte, simplesmente perfeito. Arte de dizer. Duresa de dizer. O autor, não comenta. Adivinha-se que lhe escapa o sentimento. Mas eu já disse que ele é simplesmente um filosofo menino. A sua infantilidade não é postiça. E se o é, e eu vier a sabê-lo, hei de querer fingir que o não sei. *Cinelndia* é uma bela obra, de simbolo e de verdade.

* * *

Tomás Borrás é mais forte, mais artista, mais homem. Não é tão compacto. A sua obra parece menor e mais fragil. Não vou a discuti-lo e muito menos a compara-lo. Creio em Tomás Borrás, como creio em la Serna.

La Pared de tela de Aranã é uma obra que me comoveu. Porque fala de coisas que eu senti e vivi dias. Porque fala de Marrocos, de Tetuan, dos arabes, de beleza melancolica e virginal das coisas marroquis. Mas sobretudo, porque é bem «sonhada». Grande pena, ao serviço de uma alma, este rapaz, espanhol de alto abaixo, e que os portuguezes letrados modernos—porque os letrados velhos só se dão com os que morreram—mal conhecem.

Noveletas, pequenos contos e fantasias, que li ha poucas noites saboreando o meu cigarro, compoz a minha disposição, de uma maneira tão amiga de mim, que na tarde do dia seguinte, ante uma contrariedade, procurei no bolso largo do sobretudo o livro, que me ficára em casa.

A' busca da sua beleza, para nela me fixar ao de cimo das miserias. *Noveletas* traduziria eu, se em Portugal não fosse mais dificil publicar um livro do que descobrir uma India.

Por vezes parece em Borrás predominar um espirito doentio, de alem tumulo. Mas não. E' uma maneira de erigir um cantico á vida interior das almas, em pleno misterio da liberdade. Recordo *La muerte está abajo*, e vejo neste paginasita o proprio autor ao de cimo da vida, forte, alegre, sorridente.

Adivinha-se em Borrás o homem de teatro. Ser homem de teatro — está em tudo. A poesia, que é a mais bela e a mais inferior das artes—perdõem-me os de Parnaso—tambem pode revelar homem de teatro, se eles, como Marcelino e D. João da Camara, forem artistas. Porque a maior parte dos nossos poetas não são artistas, mas artifices de sentimentos. A prosa, essa já dá o homem de teatro mais nitido, no entrechos, na sintese, no movimento, na intenção.

Em Tomás Borrás, que eu recomendo aos novos do meu tempo que não estão eivados do vicio do preciosismo modernista, peor do que o preciosismo academico—ha intenção, um talento fulgurante que a si proprio se mede, sempre sol, e por vezes «la luna, que és el sol de los muertos».

Profundo e delicado. Qualquer coisa de necessario ao espirito nesta confusão anarquica das leituras dos neo-realistas, ao contrario de Borrás, superficiais e grosseiros.

Noveletas não é—não vá supor-se—uma obra definitiva. E' um retalho. Mas á sua superficie aparece o autor, esfusiante e sugestivo, como uma chapada de vermelho e oiro.

Norberto de Araujo

ALFAIATARIA FRANCFORT
173, Rua Arco Bandeira, 3.º d.to
Fatos, sobretudos e gabardines
DESDE 300$00 ESCUDOS
TELEFONE N. 5545

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

"A B C" e "Ilustração Portuguesa"
anos completos e numeros raros. Ha sempre.
Travassa da Queimada, 31

AGENCIA FOX
DETECTIVES
Dirigida por ex-oficial superior da policia de Lisboa. Investigações comerciais, particulares e vigilancia. Unica no genero no país.
Melhores referencias báncarias
R. S. Paulo, 55, 3.º — Telef. C-1552

A Cidade

Casa Francisco Antonio Moreira, L.da
12 — 1.º LARGO DE S. JULIA O
PAPEIS-PINTADOS

Chá das cinco

Guynemer

Neste tempo em que as ambições se afogam na poeira da terra, a Aviação é das mais belas e nobres carreiras para que podemos erguer os olhos.

— «Mas não é uma carreira, é um *sport*! Vais correr os ares como um automobilista corre as estradas!...»

Estas palavras são do pai de Guynemer, opondo-se tenazmente á vocação do filho. Guynemer respondeu perturbado:

— «Não tenho outra paixão! Um dia, no colegio, vi um avião voar. Nem sei o que senti... Uma comoção profunda, religiosa. Deixem-me ser aviador!»

Guynemer era uma criança, não convenceu o pai.

Vem a guerra. Georges Guynemer tem dezanove anos. Quere alistar-se. O pai não só consente, aplaude.

E então realiza-se o sonho grandioso. Entra na Aviação como aprendiz mecanico e faz os mais infimos e rudes trabalhos. Os pais estão inquietos, Georges não é robusto e viveu sempre rodeado de conforto. Não importa. Aquela vida aspera fortifica-o e a sua inergia é indomavel.

Na sua agenda de vôo, Georges Guynemer, soldado de segunda classe, começa os seus apontamentos, em 1915, por estas palavras:

«Mercredi, 25 janvier. — *Corrée de neige.*»

O seu primeiro vôo *a valer* é em 10 de Março de 1915. A sua primeira vitoria sobre o inimigo é em 19 de Julho do mesmo ano, e em Dezembro, na vespera de Natal, dia da sua maioridade, recebe a Cruz da Legião de Honra.

Depois, em dois anos, percorre um caminho deslumbrante. Abate quarenta e cinco aviões, é ferido duas vezes e vinte vezes citado. Em Julho de 1917 é nomeado oficial da Legião de Honra.

Vai descançar junto da familia a Compiegne. O pai acha-o fatigado, esgotado e ousa observar:

— «Ha um limite, para as forças humanas.»

E Guynemer responde:

— «Sim, um limite que é preciso ultrapassar. Quando ainda não se deu tudo, nada se deu.»

Guynemer, delicado fisicamente, uma criança na idade, é um prodigio de vontade indomavel. Vence mais 8 aviões. Finalmente teve o fim tragico, admiravel, logico, da sua rapida vida.

Partiu do Campo de Aviação em 11 de Dezembro de 1917 e nunca mais voltou.

Como Sacadura Cabral, desapareceu misteriosamente, nas brumas dum ceu turvo. Tinha vinte e dois anos incompletos.

A sua existencia atravessou o enevoado firmamento da guerra, e ardente, luminosa, fugidia, sumiu-se como uma estrela cadente...

Maria de Carvalho

CASA DOS TAPETES E CARPETTES
TAPETES E CARPETTES DO ORIENTE
25, Calçada do Carmo, 25

A NOSSA GLORIA

A honra dos portuguezes exige que o governo cuide das festas do centenario de Vasco da Gama

Começam no domingo as festas oficiais do centenario de Vasco da Gama.

Estão para chegar as embaixadas estrangeiras, os navios de Inglaterra, de França, de Espanha, de Italia, de Holanda, do Japão.

O representante de Sua Santidade, Mgr. Tedeschini, chega ámanhã.

Não é demais, e nem podemos ser acusados de impertinencia, chamando a atenção do governo para este acontecimento nacional.

E' certo que o governo tarde de mais elaborou um progama, descontentando a comissão de que faziam parte o senador Ramos da Costa, o escritor Henrique Lopes de Mendonça, o professor Almeida d'Eça, o publicista Afonso Dornelas, o jornalista Alberto Bessa e o conde da Vidigueira de Niza, ilustre representante da familia do navegador. Ontem apresentou um credito para as festas.

Mas tudo isto é pouco. Falta o ambiente. Este governo: onde ha pelo menos três nomes intelectuais, João de Barros, João de Deus Ramos e Ezequiel de Campos, tem de sacudir a politica por uns dias.

O Parlamento tem de fazer outro tanto.

Um centenario, como o de Vasco da Gama, em qualquer país reuniria toddas as energia, todos os entusiasmos, todas as politicas.

Cá, só os jornais, sem auxilio de informações oficais, estão a manter o fogo sagrado.

A vergonha não é para o governo, que é transitorio e irresponsavel.

E' para a nação.

Ha pouco dinheiro? Mas ao menos haja desassombro para o confessar, e a seguir agitar o país, apregoando que faz agora 4 seculos que morreu o Almirante do Mar das Indias, e esta data por si só evoca as glorias da nação, a sua epopeia, a sua grandeza, o seu passado, unico a que se apoiam as fraquezas de hoje.

* * *

Uma das cerimonias mais belas, mais oportunas, mais justificaveis, mais a caracter, mais no espirito da solenidade nacional, seria a que tivesse por scenario e por «décor» o templo dos Jeronimos, o templo de Santa Maria.

Quando Vasco da Gama partiu para a India não havia livres pensadores nem registo civil. Nem radicais nem jacobinos. Havia a Patria, a fé, e o espirito religioso a guiar as aventuras raciocinadas, e que levavam nas velas a Cruz.

Isto não são palavras. E' a verdade, que tem de dar uma logica de factos, pelo menos nestas horas de celebrações historicas.

As festas oficiais não incluem uma unica solenidade religiosa, e afastam de si, para o lado, como coisa inutil e desaproveitavel, a acção da Igreja, que além do prestigio espiritual e ajustado, tem neste caso a magnificencia do local, a imponencia dos ritos, o encanto tradicionalista e flagrante dos grandes oficios.

Os Jeronimos, darão uma solenidade, presidida pelo Cardeal Patriarca. Mas o Governo, o Chefe da Nação, estão arredados dela. Porquê? Com que vantagem para a Republica? Com que interesse para a politica do governo?

Não fazemos ao Governo a injustiça de o supormos alheiados do objectivo nacional do Centenario. Mas ousamos garantir que estão muito mais no espirito da maioria dos ministros e dos amigos do governo os assuntos da politica rasteira, que pode esperar oito dias, do que a preparação nacional do ambiente para o Centenario de Vasco da Gama.

E se esse ambiente não se fizer, as embaixadadas estrangeiras hão de perguntar:

—Então foi para um jantar e para duas sessões solenes pelintras que nos convidaram a cá vir?

E são capazes de supôr que Vasco da Gama —era espanhol.

Este brado é o ultimo que fazemos, porque amanhã já ha estrangeiros em Portugal. Mas não queriamos, nós jornalistas, ficar com a responsabilidade de não ter a tempo chamado, a serio, a atenção do governo para este assunto, visto que, é de crer, que o melhor numero do programa oficial recomendado pelo governo, seja uma sessãosinha parlamentar de escandalo, que para honra do sr. Presidente da Republica e do sr. presidente do ministerio, é necessario impedir que se realize.

Por uns dias, treguas na politica profissional.

Ajude o governo, com uma proclamação, com um decreto, com um oportuno discurso no Parlamento, a criar o ambiente que salve ao menos, pela intenção, o centenario nacional de Vasco da Gama.

A homenagem a Cervantes

A iniciativa da «Contemporanea», de abrir, nas colunas do «Diario de Lisboa», uma subscrição para se prestar uma homenagem á Espanha na pessoa gloriosa do autor do «Don Quijote» foi admiravelmente recebida por todas as pessoas que entendem necessario estreitar cada vez mais os laços morais e intelectuais que aproximam os dois paises peninsulares.

Estamos certos de que nenhum deles deixará de concorrer com o seu donativo para a realização de tão simpatica e alevantada iniciativa.

A seguir publicamos a lista da subscrição:

Transporte	495$00
Melo Barreto, ministro de Portugal em Espanha	100$00
Antonio de Cértima	20$00
A transportar...	615$00

O nosso salão de outono

E' depois de ámanhã a abertura ao publico do «Salão de Outono» na Sociedade de Belas Artes, organisado pelo distinto pintor Eduardo Viana, e que será inaugurado pelo Chefe no Estado.

Ha grande curiosidade por esta Exposição, incontestavelmente a mais importante e a mais interessante dos ultimos anos.

* * *

Nesse mesmo dia a revista «Contemporanea» manda rezar na igreja da Conceição Nova, ás 11 e meia, uma missa por alma dos artistas mortos da nova geração, dos seus colaboradores Amadeu de Sousa Cardoso, Santa Rita Pintor, Ponce de Leão, Armando de Basto, Mario de Sá Carneiro, Carlos Franco, Afonso de Bragança, Arnaldo Pereira, Antonio Sardinha, Eduardo Metzner, Manuel Jardim e Eduardo Pimenta, e de Anibal Soares.

PRÉMIERES

NO S. LUIZ foi á scena a opereta "Benamor"

Armando de Vasconcelos foi dos primeiros, entre nós, a reconhecer a necessidade imperiosa dum saneamento, de *fond en comble*, do teatro musical, desempoeirando-o de meio seculo de ronceirismo, de comodismo, de compadrio, de rotina. Era necessario acabar com o regime da tarlatana e do pano cru, da scenografia-bilhete postal ilustrado, do mecanismo, *gaucherre*, debeis de imaginação e de fantasia. A *mise-en-scéne* pictural que é a alma do teatro do genero, apagava-se, diluia-se na indigencia da composição, no recorte excentrico do guarda-roupa. Um claro sol de inovação e de senso artistico começa de inundar os palcos. Fez-se muito já, deu-se, ontem, um largo passo firme. Ha que regista-lo com desvanecido reconhecimento. Muito ha, porém, ainda que fazer. Estamos ainda no periodo da complicação luxuosa, por vezes opulenta: é, preciso ir, gradualmente, para a simplificação estetica—procurar maiores efeitos atravez da maior simplicidade de processos.

A *ilusão do teatro* precisa de resultar mais flagrante, mais nitida. Deve aperfeiçoar só os efeitos luminosos, fazê-los entrar como elemento essencial na *mise-en-scène*, procurar o mais possivel uma maior harmonia entre a parte scenografica, a indumentaria, a movimentação ritmica das primeiras figuras, e a estilização das atitudes plasticas do corpo coral. Diga-se com justiça que já se começa a compreender a função mais estetica, do que histrionica das massas de figurantes, desmecanizando-lhes os movimentos, dando-lhes *alure*, gracilidade, leveza.

Estas considerações, *à la diable*, vem a proposito da exibição, por muitos titulos brilhantes, da *Benamor*, de Pazo e Del Toro, adaptação interessante de «Esculapio» e Carlos Ferreira, com a encantadora partitura de Pablo de Luna, para o que contribuiram em muito as raras qualidades de enscenador de Armando de Vasconcelos, que merece rendidos aplausos do publico e da critica — a critica que para ser justa não necessita de se curvar em reverencias, nem vir a terreiro de vizeira descida. A propriedade dos scenarios, a riqueza do guarda-roupa, o cuidado da enscenação deixam entrever a inteligente directriz traçada pela Empreza.

Alice Pancada, que reapareceu, entusiasticamente saudada, cantou com brilho a sua parte, de *travesti* de sultão. A sua voz bem empastada, é quente, vibrante, maleavel; tem côr e emoção. E' um belo elemento do teatro musicado, com segura tecnica no canto e na representação. Canta, numa palavra — o que já vai sendo muito raro, em teatros de opereta.

Ausenda de Oliveira, desenhou outro *travesti* com desenvoltura, gentileza, frescura e movimento, por vezes demasiado feminina. Maria Alvarez fez a escrava *Nitetis*, com enlevo sensual, com intenção. Gracil a silhueta de odalisca de Dulce de Almeida. Luiza de Lerma, mimou com elegancia e com leveza um interessante bailado oriental. O *travesti* de Judite Marques, curioso e correcto. Vem a ponto dizer que a sua indumentaria e a da sua côrte, é a menos feliz. Sales Ribeiro, deslocado na parte cantante, que exige um baritono ou um tenor abaritonado, defendeu, no entento, com brio o papel de aventureiro. José Victor, Sebastião Ribeiro, Mario Campos, Armando Baptista, Fernando Rodrigues e Antonio Paiva, a dentro da elasticidade treatral da palavra-discreção.

Ensaiou os coros, com meteculosidade, com segurança o maestro Cruz Braz.

Outro tanto se não pode dizer do maestro director da orquestra, Luis Gomes, demasiado preocupado com a regencia.

Acresce que a orquestra abafava, frequentemente a parte cantante. A canção espanhola do primeiro acto. necessitava de ser desenhada com mais côr e mais movimento.

J. de O.

Abadia-Restaurant
36, Praça dos Restauradores, 40
Almoços e Jantares-concerto
CEIAS
Telefone N. 4280

A Cidade

TIVOLI Telefone N. 5474
A'S 8 1|2
Revista Mundial
Harold marinheiro de agua dôce
O joven Medardus

ARTE MUDA

AS GRANDES realisações cinematograficas

Ha dias, apresentando em Bruxelas o film *Le miracle des loups*, que, como se sabe, se estreou na Grande Opera de Paris e constitue uma admiravel obra d'arte, Jean-José Frappas, entre outros detalhes ácerca da execução, contou que para a reprodução das batalhas de Carlos, o Temerario, o governo francez autorisou que fossem postas á disposição dos enscenadores tropas de dois corpos de exército do sul da França. Se juntarmos este facto ao da esquadra de Toulon ter servido para a realização da *Batalha* de Farrère, teremos uma medida do quanto se alarga dia a dia o poder do cinematografo e quasi daremos razão ao brado de Baroncellis: «*Faites de bonnes pièces ou le theatre aura vécu*».

Tivoli, o cinema da Avenida onde se vae, gradualmente, executando uma obra de orientação relativamente a generos e escolas cinematograficas, apresenta esta semana o *superfilm* da casa Sascha, *O jovem Medardus*, a maior producção austriaca depois da guerra. Esta pelicula, com as suas dez partes, pertence ao genero das grandes realizações. Para ela, como para *O milagre dos lobos* e certos *films* italianos de ha dez ou doze anos foram mobilisados milhares de figurantes evidentemente soldados. Em certos episodios, na reprodução da tomada de Viena e da batalha de Aspern, temos a perfeita ilusão do que seriam as guerras napoleonicas e os incidentes resultantes da forma de combater dessa epoca.

Serve de espinha ao *film* uma acção romanesca de amores e de intrigas politicas; mas o fito evidente dos enscenadores foi, aproveitando alguns monumentos historicos, como o castelo onde agonisou o Aiglon e reproduzindo outros, fazer evoluir massas consideraveis de figuração, admiravelmente vestidas e constituindo uma serie de quadros historicos, alguns dos quaes nos surpreendem pela grandeza, outros nos encantam pelo engenho e bom gosto com que foram compostos.

Quem tenha seguido os espectaculos do *Tivoli* e visto desde as *Violetas imperiaes* até á *Fonte dos Amores*, desde *O brazeiro ardente* até ao *Segredo de Polichinelo*, desde *As aventuras no Deserto* até *Nos confins do silencioso Norte*, desde *A Batalha* até *Sacrificio de mãe*, terá podido seguir e apreciar os esforços e tendencias de cinematografias muito diversas e por vezes completamente opostas. *O Joven Medardus* é mais um *film*-tipo, a que se seguirão outros egualmente de alto relevo.

Na parte comica, depois de Charlot, de Harry Polard *(Caralinda)*, de Buston Keaton *(Pamplinas)* e de outros comicos americanos, chegou a vez a Harold Lloyd, a grande revelação depois de Fatty Arbukle. Harold, depois de ter debutado em *films* de curta metragem, abordou as composições de mais folego e a elas pertence o *Harold, marinheiro de agua doce*, que completa o programa do *Joven Medardus*. E' um *film* donde não são banidas as acrobacias tão queridas de Mac Senett e que constituem o fundo do comico americano, tão curioso de estudar pela sua dinamica, mas em que abundam os detalhes de comedia e farça engenhosos e inesperados. Harold está consagrado e é bem conhecido. A sua mocidade simpatica, a sua alegria, o seu á-vontade, alegram quem o vê surgir no pano branco. Não é simplesmente um fantoche: é um comediante que nos reserva grandes surpresas.

Ha no *Tivoli* um outro elemento de agrado e de relevo para os *films* exibidos. São as adaptações musicaes de Nicolino Milano, que, com uma virtuosidade de grande artista, tem sabido apropriar a cada programa a musica necessaria, cerzindo musica de grandes classicos as mais alegres produções modernas de modo a acompanhar passo a passo o ritmo da projecção. De ha muito que nos cinemas estrangeiros a musica estava de acordo com os *films*. Alguma vez se havia de vêr isso entre nós.

A ALIMENTAÇÃO

A carne subiu de preço para se compensar o prejuizo da primeira remessa de gado argentino?

O preço da carne... Eis um assunto de momento.

Toda a gente pregunta:

—Porque aumentou a carne? Então o gado argentino não sai mais barato?

Tentámos ouvir o sr. dr. Marques da Costa, que é o presidente da Comissão de Abastecimento. Mas, até á hora a que escrevemos, não nos foi possivel ouvir da sua boca as razões do aumento anunciado nos jornais.

* * *

Em compensação, encontrámos o sr. Julio Dias Afonso, delegado da Associação de Classe dos Cortadores.

E interrogamo-lo:

—Então, a carne?

—O Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal, em nota oficiosa, desmente, embora veladamente, o que eu e o meu colega A. Gonçalves dissémos aos jornais, sobre o aumento dum escudo no preço da carne de vaca. Ora, eu devo dizer que o que se pretende, com essa nota oficiosa, é tapar os olhos ao publico.

—Porquê?

—E' ou não verdade, ter o sr. dr. Marques da Costa comunicado aos proprietarios de talhos que a carne passava a custar mais um escudo, a partir de terça feira passada? E' ou não verdade ter o mesmo sr. dito que, em vista do aumento, mandaria cessar a fiscalização ás tabelas existentes nos talhos? E' verdade, bem dura para o publico consumidor, mas é verdade.

—Acham o aumento «inoportuno e injustificado», como disséram ante-ontem?

—Mantemos a nossa afirmação. E' inoportuno porque, emquanto a carne baixou no concelho de Oeiras 2$40 em quilo, em Lisboa subiu um escudo. E não foi só em Oeiras que a carne desceu; foi em todo o paiz. De resto, como se compreende que, tendo este carregamento custado menos 2 libras e 2 «shillings» por cabeça, e dando muito maior media de peso na sua arrobação que o primeiro, o outro tivesse sido vendido á tabela, e este fosse aumentado dum escudo em quilo?

—E' realmente estranho...

—Seria melhor que se confessasse que a Comissão de Abastecimento de Talhos fez uma mau negocio com a venda do primeiro carregamento de bois — como calculamos todos nós... O resultado foi sobrecarregar-se o gado abatido com o prejuizo que deu o outro e ainda com mais alguma coisa.

—Mas os talhos municipais vendem pela tabela...

—Não admira, visto que a carne lhes é debitada por menos um escudo, e não pagam impostos nem rendas de casa.

—Mas ha comercio livre...

—Como querem que haja concorrencia, se obrigam os proprietarios dos talhos a comprar as carnes ao preço por que lhes querem vender?

—A solução...

—Não é esta, mas sim o regime livre de compra, mas tabelado nos talhos, garantindo-se assim a bolsa do consumidor.

DIPLOMACIA COMERCIAL

AS INDUSTRIAS PORTUGUEZAS

e o acordo com a Alemanha

O nosso colega «Diario de Noticias» inseria hoje um oportuno artigo que aludia á guerra que os alemães estão a fazer a algumas das nossas industrias.

O acordo comercial de Portugal com a Alemanha deixa, como é sabido, algumas possibilidades de os alemães tentarem destruir as mais prosperas industrias nacionais.

O artigo do jornal Keramisske Run dihan cidato pelo «Diario de Noticias» merece ler-se.

A verdade é que no Acordo Comercial com a Alemanha o governo português promete «estudar a possibilidade de reduzir os direitos de importação sobre os artigos de porcelana, faiança e esmalte e sobre as redes de pesca». E' uma promessa perigosa porque, a dar-se, anula algumas importantes industrias portuguesas. E os alemães não são pessoas que se contentem com promessas. O Acordo foi feito, tambem como é sabido,, sem a consulta devida á Comissão de Pautas Aduaneiras». E mesmo a Comissão do Comercio Externo, parece não ter tido oportunidade de estudar o acordo.

Nem doutra fórma se poderia explicar que — quando o Paiz e as suas industrias atravessam uma crise — houvesse a leviandade de falar, ou pensar sequer, em reduzir a protecção alfandegaria ás industrias nacionais.

As industrias de porcelana, faianças e esmaltes têm com dificiuldade progredido e aperfeiçoado o seu fabrico, conseguindo já exportar, e é de péssima politica anular essas prometedoras industrias. O mais curioso, porém, é que agora precisamentte está se montando em Portugal a industria do fabrico mecanico de redes de pesca; montagem, envolvendo o dispendio e risco de milhares de contos e que tão indispensavel é para o nosso Paiz essencialmente pescatorio, que exporta anualmente muitos milhares de libras para o pagamento de redes do estrangeiro.

As redes de pesca já pagam de direitos uma insignificancia; segundo nos informam, um quinto do que paga o fio com que é feita a propria rede.

De uma maneira geral, e sem que esta local pretenda visar diplomatas ou negociadores, parece-nos que as promessas do acordo com a Alemanha tem de ser acauteladas.

D.RA LAURINDA ALAMBRE
DOENÇAS UTERINAS-PARTOS-ELECTRICIDADE
CONSULTAS:
Rua Garrett, 36, 1.°, E., ás 15 horas.—Telefone C. 3680.
Avenida Conde de Valbom, 54, 1.°, ás 11 horas

Pelos teatros

Lucinda Simões

Lucinda Simões representa hoje uma escola de teatro—escola mais de observação que de emoção, mas sempre sincera e natural nos seus processos. Artista criadora, Lucinda Simões não projectou apenas no palco

LUCINDA SIMÕES
(*Desenho de Amarelhe*)

um talento e uma inteligencia vivissimas de beleza; ensinou uma geração; deu á scena uma obra prima, uma obra inegualavel de radiação: Lucilia.

Vóvó Lucinda vive hoje como as rainhas. Não se preocupa sómente com os seus papeis. Ela dirige as representações, cuida as «mise-en scénes»; estiliza as almas.

Lucilia Simões faz ámanhã, no teatro S. João, do Porto, a sua festa artistica. Lucinda, que tem estado exilada voluntariamente alguns longos meses do teatro, reaparece num papel da «Mulher sem importancia». A ironia e a emoção wildeanas vão ser mais profundas, mais preciosas e mais subtis.

Ester Leão

Ester Leão dispõe-se, como ontem dissémos, a organisar uma companhia dramatica, pensando até já no teatro Apolo para montar a sua emprezo, a que não é estranho, segundo se diz, o dramaturgo Alfredo Cortez, que actualmente dirige o teatro S. João, do Porto.

A um grande artista, que brevemente reaparece num dos primeiros teatros, foi já feito convite para ingressar nessa companhia, dizendo-se até que para o elenco ha já todos os elementos necessarios.

Ester Leão, na sua recente viagem de regresso a Lisboa, representou na ilha de S. Tomé a peça «A anedocta», de Marcelino Mesquita, tendo sido, segundo dizem os jornais daquela possessão ultramarina, muito ovacionada.

Atrás do reposteiro

Na terça feira, 27, faz-se «reprise», no teatro Avenida, da opereta «Fi-Fi», fazendo os principais papeis Luisa Satanela, Estevam Amarante, Raquel Barros, Antonio Silva, Alves da Silva, Josefina Silva e Salvador Costa.

—A récita a favor do actor Jaime Zenoglio, que se devia ter realisado em outubro, efectua-se no proximo sabado, no Centro Democratico Espanhol.

—Hoje, em S. Carlos, canta-se pela segunda vez a opera de Massenet, «Werther». Amanhã não haverá espectaculo, subindo depois de ámanhã á scena a opera «Fausto», cantada por madame Lubin, tenor Laffite, baixo Combe, nos principais papeis, exibindo-se tambem a primeira bailarina Ana Johnson.

—Prossegue no Trindade a inscripção para a assinatura das recitas da companhia do Theatre de la Porte Saint-Martin, que vem ao nosso país em «tournée» oficial e se estreia no dia 30, com a peça «Cyrano de Bergerac».

—Efectuou-se ontem, no Sá da Bandeira, do Porto, a 10.ª récita de assinatura da companhia Léa Candini, com a opereta «Agua Serena», realizando-se ámanhã a primeira representação da peça de grande espectaculo «La Bayadera».

—E' hoje que, no Olimpia, se estreia a «Flôr de Espanha», a admiravel pelicula interpretada pelo inolvidavel «Granero» e por formosissimas actrizes espanholas.

—Por motivo de doença do actor Robles Monteiro, não ha hoje espectaculo no teatro Politeama.

—Rico & Alex e os irmãos Albanos, que no Coliseu dos Recreios estão fazendo grande sucesso, apresentam esta noite novos intermedios comicos.

—Cremilda de Oliveira está de novo educando a sua voz com a professora Madame Mantelli, preparando-se para a sua futura estreia no Trindade, na companhia de revistas, «féeries» e operetas.

—Chegou hoje a Paris, de regresso da Suissa, o empresario teatral sr. José Loureiro.

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

HOJE, ás 9-15 da noite,

O mais alegre dos espectaculos com a engraçadissima comedia

DICKY

Ensc. do prof. Augusto de Lacerda
Scenarios de Campos & Oliveira

Estão suspensas as entradas de favor

TEATRO da TRINDADE

Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. C.-876

SEXTA-FEIRA, 30—Companhia do Teatro de la Porte Saint-Martin—**Pierre Magnier** e **Andrée Pascal**, primeiras figuras da Companhia

Peça de estreia

CYRANO DE BERGERAC

Continua aberta a folha de assinatura

Teatro AVENIDA Telefone N. 4356

HOJE—A's 21 e 15

PARIS-MONTE CARLO

(Il Re de Chez Maxim's)

Nos principais papeis: **Luisa Satanela e Estevam Amarante**

EDEN TEATRO Telef. N. 3800

HOJE—Recita da moda

Exito brilhantissimo da revista-fantasia

PIC-NIC

Original de Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa, musica de Arcensão Barbosa. Desempenho de toda a companhia Otelo de Carvalho

Agrado unanime e entusiastico

Teatro MARIA VITORIA

TODAS AS NOITES A's 8 1|2 e 10 1|2

Os mais atraentes espectaculos

As onze mil virgens

Primoroso desempenho

GRANDE APARATO

SE O CAVALHEIRO TROUXESSE LANTERNA DA ELETRGIA JA NÃO EMBIRRAVA COMIGO.

ELETRIGIA

R.SANTA JUSTA, 87.

DOENÇAS NERVOSAS

Gabinete hidroterapico—C. do Duque, 20

C. da Gloria, 15—T. N. 4457

Director

Dr. J. Silvestre d'Almeida

Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.

Aberto das 8 ás 13 horas.
Consultas das 10 ás 12 horas

Fabrica de
Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

Ver no
CINEMA CONDES
a super-serie

A volta ao mundo em... 18 dias

Modernisação de **Julio Verne** — Interpretação de **William Desmond**

Banco Commercial de Lisboa

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Capital Esc. 4:000.000$00

Convoco os Srs. Accionistas a reunirem-se em assemblea geral ordinaria, na séde do Banco, no proximo dia 7 de Fevereiro, ás catorze horas, a fim de se dar cumprimento ao disposto nos n.os 1.º, 2.º e 5.º do artigo 21.º dos estatutos.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1925.

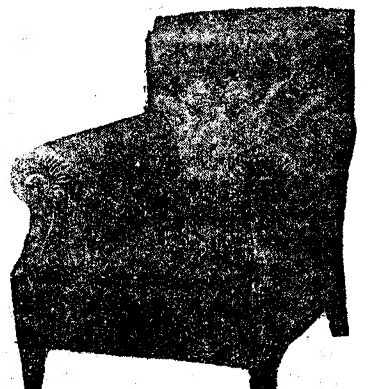
O Presidente da Assemblea Geral
(a) *Ernesto Driesel Schröter*

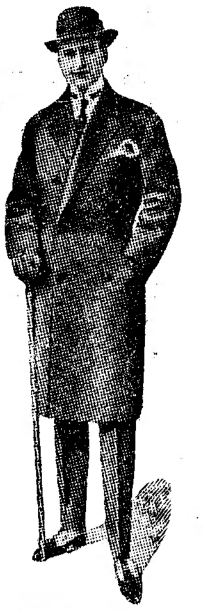
CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE CARPETES A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3082





ALFAIATARIA PARIS

CONTRA O FRIO

SOBRETUDOS desde 200$00 já feitos para pronta venda.

Fazem-se por medida com a MAXIMA BREVIDADE.
Fazendas para fatos nacionais e estrangeiros o que ha de mais «chic», e por preços sem competencia.

Fardamentos para exercito e marinha

Secção de camisaria e gravataria

SEMPRE ULTIMAS NOVIDADES

LEAL, L.da

Rua de S. Nicolau, 106

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:
R. JANEIRO 1908 — ANVERS 1894 — BELEM 1893 — LONDRES 1904 — LISBOA 1888 — PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1913, ETC.

Vinho Nutritivo de Carne

É o melhor tonico nutritivo que se conhece, fortificante, reconstituinte, desenvolvendo rapidamente o apetite, enriquece o sangue e fortalece os musculos. O seu uso é indispensavel em todas as convalescenças e casos de fraqueza geral. E' hoje o tonico mais recomendado pelos Medicos. Mais de 30 anos de resultados sempre eficazes. Um calix deste vinho representa um bom bife.

DEPOSITO GERAL-FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 174-LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

TEATRO SÃO LUIZ

HOJE — 2.ª representação

da celebre opereta em 3 actos, de Paso y Del Toro, adapt. de Eduardo Fernandes (Esculapio) e Carlos Ferreira, musica de Pablo Luna

BENAMOR

ENCANTADORA MUSICA

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.

HOJE, ás 21,30—Ultima representação

AS VIRTUDES DE GERMANA

Brevemente
MULHER NUA

Domingo, 25—10.ª concerto de assinatura pela **ORQUESTRA SINFONICA DE LISBOA** — sob a regencia do maestro Fernandes Fão —

TEATRO DE S. CARLOS

Sociedade do Teatro de S. Carlos Lt.ª—Tel. C. 3063

Temporada de opera francesa sob a direcção de Mr. GABRIEL GROVLEZ

7.ª recita e 2.ª da opera de Massenet

WERTHER

pelos primeiros cantores Mesdames Croiza e Marchal, tenor Lapelletrie e baritono Maguenat.
Finda a opera, Mlle. Ana Johnssen dançará 5 fragmentos do bailado «Coppelia», de Leo Délibes.

SABADO
8.ª recita d'assinatura
FAUSTO

Faz nascer o cabelo ás pessoas calvas.
Cura em pouco tempo a queda do cabelo.
Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo.

A Juventude é sobre tudo um remedio preventivo da calvicie.
Unico depositario **Drogaria DIAS**
Rua dos Fanqueiros, 342 e 344.
Agente no Porto: **Adolpho Hofle, Ltd.**, Rua Sá da Bandeira, 205. = Frasco, 12$50; pelo correio, 17$50.

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE, FAZEM-SE A 450$00 : FABRICAÇÃO GARANTIDA : TRAVESSA DA QUEIMADA, 31, loja

GARAGE CONDE BARÃO

Recolha de 180 automoveis

Venda e compra de automoveis
Oleos, gasolina, acessorios
Material electrico
Instalações electricas
Stock de lampadas «Philips»

Tele{fone: C. 5430 / grafo: *Garage Conde Barão*

Dias, Fonseca & Sotto-Maior, L.da
Largo do Conde Barão, 50—LISBOA

Ouro de penhores, novo e em segunda mão

Continua a ser sempre o que vende mais barato. Cordões, cadeias, medalhas, aneis, brincos, afogadores e outros objectos, como brilhantes, prata, estojarias, relogios em ouro, prata e aço das melhores marcas.
Ha sempre objectos de penhores só a peso.

C. do Duque, n.º 43
C. de Santo André, 1

SEGUNDO A. HERMIDA

HUMAGSOLAN
Cura a calvicie e evita a queda do cabelo — Remedio de uso interno
Nas boas farmacias e drogarias
AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

ESTRANGEIRO

Dr. Emilio Faro
Sifilis, rins e vias urinarias
Clinica geral. R. do Ouro, 178, 2°.
ás 5 horas.—Telef. C. 2516

RUSSIA

DEVIDO
á descoberta
de jazigos
de ouro
as autoridades duma região
fizeram leis proprias

RIGA, 22

Nas selvas virgens siberianas da região quasi inacessivel de Taiga, a 2.000 quilometros a leste de Kirensk, foram descobertos riquissimos jazigos auriferos. Em certos pontos têm sido extraidos 250 gramas de ouro por metro cubido de terra.

A noticia da descoberta despertou em toda a região uma extraordinaria emoção, e os pesquizadores chegam em caravanas, vindas de toda a parte.

O territorio aurifero pertence em teoria aos «soviets»: porém, como estes não exercem ali autoridade alguma efectiva, os pesquizadores de ouro organizaram uma comunidade politica, com governo e leis proprias. — (L.)

As dividas
não são de dinheiro, mas... sim politicas

Dizem de Moscou que os jornais se mostram satisfeitissimos com o reatamento das relações com a França.

Não fazem qualquer referencia ao apelo de Zinovieff aos comunistas franceses para que estes aumentassem a sua actividade. Rikoff pronunciou um dcisurso no congresso dos professores, dizendo que as dividas do tempo do tsarismo não deviam ser consideradas como dividas de dinheiro, mas sim como dividas politicas. — (R.)

Proclamação
do estado de sitio em algumas regiões

REVAL, 22

O governo dos «soviets» está preocupado com a politica interna, tendo resolvido proclamar o estado de sitio nalgumas regiões em que não está absolutamente seguro da tranquilidade, nem de obediencia á sua autoridade. A lei marcial a aplicar, tem dois graus, um mais severo e outro menos severo, que são aplicados conforme a atitude dos revolucionarios. — (R.)

Expulsão
de estudantes das Universidades

Foram expulsos muitos estudantes das Universidades russas por não merecerem confiança ao regime dos «soviets». — (R.)

TEATRO SÃO LUIZ
Concertos BLANCH
DOMINGO, 25 — MATINÉE
10.° concerto de assinatura
Festa artistica do maestro Pedro Blanch
fundador e director da
ORQUESTRA SINFONICA PORTUGUESA
em que pela unica vez toma parte o celebre violoncelista **Juan Casaux**, que executará com a orquestra o extraordinario poema sinfonico «Don Quixote», de Strauss.

Restaurant Bacalhau
A's portas de Bemfica
Neste conhecido e acreditado retiro, incontestavelmente a melhor casa no genero nos arredores da capital, encontra-se á venda ao publico um precioso vinho novo, fabrico especial desta casa e que se encontra em cima da bôrra, considerado sem contestação a melhor pinga que se bebe em Lisboa.
Sendo esta casa a de maior e melhor frequencia, possue magnificas salas de jantar, gabinetes reservados e optima adega propria.
Esplendido serviço de cosinha á portuguesa «à la carte» por preços modicos.
Tomam-se encomendas para banquetes de casamentos e baptisados.
Aos domingos jantares concertos.

ALEMANHA

Luther
terá que fazer frente
aos partidarios de Writh
e aos deputados catolicos?

BERLIM, 22.—O «Deutsche Allgemeine Zeitung» diz que o dia parlamentar de ontem demonstrou que á frente do governo alemão se encontra uma personalidade com ideias claras e razoaveis, suficiente vontade e talento para as converter em realidades.

A habilidade oratoria com que o chanceler Luther soube furtar-se ás passagens dificeis e responder aos interpelantes é reconhecida pelos jornais de todas as côres politicas.

O ex-chanceler Wirth anunciou oficialmente o seu proposito de votar contra o governo por considerar que o actual gabinete não oferece suficientes garantias de sinceridade republicana.

Supõe-se que alguns deputados catolicos seguirão o exemplo de Wirth; porém, o seu numero será muito restrito. A grande maioria do partido catolico está decidida a apoiar o gabinete Luther.

O debate politico termina hoje com a votação das moções apresentadas, e em seguida o «Reichstag» iniciará a discussão da ratificação do convenio comercial com a Espanha, suspendendo depois as suas sessões durante uma quinzena. —(L.)

A politica externa
não pode admitir grandes discursos...

BERLIM, 22.—O ex chanceler Wirth declarou a um jornalista que se admira que o partido catolico do centro mantenha no gabinete Luther os seus ministros, depois das declarações feitas ontem no «Reichstag» pelo chanceler.

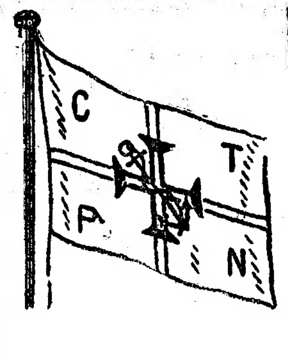
Wirth considera tal tactica como um erro politico.

Nos circulos politicos afirma-se que, tendo Luther feito as necessarias declarações sobre a politica externa, Stressmann pronunciará apenas um pequeno discurso, pois a situação actual não exige grandes rasgos oratorios.—(Especial)

A 15 de agosto
deve ser evacuada a região do Ruhr

BERLIM, 21.—O chanceler Luther declarou no «Reichstag» que o debate sobre a declaração ministerial do seu gabinete lhe demonstra claramente que o parlamento aprova a politica externa do novo governo, e afirmou que a evacuação do Ruhr se realisará a 15 de agosto e que o actual regimen adoptado pelo Estado se manterá.

Kock declarou, em nome dos democraticos, que o seu partido não combaterá a politica do ministerio no campo externo.—(L.)



COMPANHIA TRANSATLANTICA PORTUGUESA DE NAVEGAÇÃO

AOS PORTUGUESES

O numero de emigrantes portugueses (passageiros só de 3.ª classe), que anualmente atravessa o Atlantico, é de cerca de 40.000. A Lb. 12 por passagem, soma	Lb.	480.000
A exportação de Portugal para os portos do Brasil, orça por 30.000 Toneladas pagas a Lb. 2 por Tonelada. . .	Lb.	60.000
O Brasil exporta para Portugal cêrca de 80.000 Toneladas a Lb. 2 por Tonelada de frete	Lb.	160.000
Acrescentando as passagens de 1.ª e 2.ª classes e a exportação das mercadorias nacionalisadas que devem regular (numeros redondos) por.	Lb.	300.000
Tudo prefaz um minimo de	Lb.	1.000.000

Os produtos e a emigração das duas Patrias Irmãs devem, no interesse comum e num efectivo inter-cambio transitar em barcos cujas tripulações falem o mesmo idioma. Assim, o Brasil já tem com o seu Lloyds a carreira para a Europa.

Portugal não pode deixar de seguir-lhe o exemplo.

A indiferença dos Portugueses não pode continuar a consentir que tanto oiro saia da economia nacional.

Subscrever as acções da *Companhia Transatlantica Portuguesa de Navegação* é concorrer para o estabelecimento de carreiras regulares entre Portugal e Brasil sob o pavilhão das Quinas.

Tomar acções da *Companhia Transatlantica Portuguesa de Navegação* é vir a partilhar das *Libras 1.000.000 (Um milhão de Libras)* que as companhias estrangeiras de navegação cobram hoje integralmente pelas cargas e emigrantes Portugueses.

Subscrever as Acções da *Companhia Transatlantica Portuguesa de Navegação*, cuja subscrição está aberta nos Bancos e Casas Bancarias do Paiz, é um acto de patriotismo que se impõe a todos aqueles que desejam vêr erguido financeira e moralmente o nosso Portugal.

FRANÇA

NUNCA
se pensou
em bloquear
A RUSSIA
afirmou peremptoriamente
o presidente Herriot

PARIS, 22

A Camara dos Deputados prosseguiu ontem no exame do orçamento do ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Louis Marin falando sobre o problema das dividas inter-aliadas, traçou o quadro completo de todas a perdas materiais, morais e humanas sofridas pela França na Grande Guerra, e demonstrou a necessidade de se estabelecer o principio da distribuição equitativa dos encargos da guerra, como compensação pelos sacrificios consentidos.

Herriot tomando seguidamente a palavra, agradeceu calorosamente ao orador a defeza que fizera do ponto de vista adoptado pelo seu governo.

O deputado comunista Cachin, criticou o protocolo de Genebra, o plano Dawes, para as reparações, e a politica seguida pelo gabinete Herriot, de acordo com a Colonia, para com a Russia.

O chefe do governo desmentiu as declarações do deputado comunista, dizendo que a França e a Polonia jámais pensaram em bloquear a Russia por qualquer forma, mas sublinhou que a França mantem firmemente o principio do direito das pequenas nações usufruirem uma existencia independente, e poderem tomar as medidas necessarias á sua segurança, sobretudo quando se trata duma pequena nação como a Polonia que pagou a sua liberdade com um longo martirio e escravidão. — (Especial)

As relações
entre a França e Argentina

PARIS, 22

A comissão central das camaras de Comercio francesas no estrangeiro, ouviu a exposição do delegado da Camara de Buenos Aires, que transmitiu uma moção aprovada pela mesma, pedindo a elevação a embaixada da Legação da França na Argentina.

O delegado da Camara de Valparaiso apoiou a exposição do orador antecedente, e a comissão deliberou interessar-se vivamente junto do sr. Herriot pela aspiração dos franceses residentes na Argentina.

A comissão ocupou-se em seguida da melhoria das relações postais e maritimas entre a França e a Argentina. — (L.)

O «deficit»
será reduzido de 3 a 2 biliões

PARIS, 22

Clementel declarou na comissão de finanças do Senado, que o «deficit» do exercicio economico de 1924 será reduzido de três a dois biliões.

O sr. Violette, relator do orçamento de 1925, diz, no seu parecer, que aquele apresenta um saldo de 24 biliões. — (L.)

Luther
propõe um pacto militar?

PARIS, 22

«Le Petit Parisien» afirma, em telegrama do seu correspondente em Berlim, que o chanceler Luther tenciona propôr á França a conclusão dum pacto de mutua garantia militar. — (L.)

PELES
Confecções em qualquer genero. Peles avulso para guarnições.
Concertos ou modificações.
Consultem nossos preços
R. de S. Nicolau, 13, 3.°

CAMBIO OFICIAL	COMPRA	VENDA
/Londres, cheque	99$50	100$00
/Paris	—	1$13,5
Madrid	—	2$98
/New-York	20$70	20$95
Amsterdam	—	8$46
Suiça	—	4$05

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL	COMPRA	VENDA
/Bruxelas	—	1$06,5
/Italia	—	$87
/Praga	—	$63,5
/Brazil	—	2$50
Libra esterlina	110$00	115$00
Agio do ouro	—	—

GATUNOS MODERNOS

DOIS

alemães foram presos por suspeita de terem assaltado a joalharia Lory

Como ha dias noticiámos, os gatunos tentaram roubar a joalharia Lory, no Rocio, arrombando o soalho do consultorio do sr. dr. Lopo de Carvalho, no primeiro andar, para daí passarem para aquele estabelecimento.

Como não podessem retalhar nenhuma das chapas de ferro que defendem a loja, como um cofre forte, os gatunos puzeram-se em fuga. A investigação tomou conta do caso, tendo hoje prendido dois alemães—Herbert Schimidt e Artur Graumam, ambos de Berlim. Os dois encontram-se em Portugal ha cêrca de 10 mêses. O primeiro é empregado do comercio e o segundo é serralheiro mecanico, tendo sido preso em Agosto por furto.

Interrogados pelo chefe Tavares, negaram terminantemente terem tentado roubar a joalharia Lory

O Schimidt fala correctamente o portuguê-; o Herbert compreende-o. Quando o agente Serodio, acompanhado do auxiliar Campino, os prendeu nas suas residencias mostraram-se muito surpreendidos—surpresa essa que manifestaram mais tarde, no governo civil, ao prestarem declarações ao chefe Tavares.

Ao que parece os gatunos não trabalharam com luvas. Existem impressões digitais em varios objectos, mas essas impressões, pela rapidez do toque, deixaram uma mancha indistinta. A gabardina que foi encontrada no consultorio do sr. dr. Lopo de Carvalho não pertence aos audaciosos gatunos que ali foram, mas a um empregado daquele medico. A policia tem fortes suspeitas de que os dois alemães presos hoje são, de facto, os autores do assalto. Com todas as reservas guarda uma pista.

Os proprietarios da joalharia Lory estiveram hoje no governo civil, não reconhecendo os presos. Esta acareação era absolutamente necessaria, visto ha meses ter sido preso á porta da joalharia um alemão que trazia uma complicada ferramenta escondida nas pernas. Entre outros objectos foi-lhe apreendido um formão de lamina grossa.

Herbert e Granmam, depois de interrogados, recolheram incomunicaveis a duas esquadras.

DE LUTO

D. Maria Olga de Melo e Simas

Faleceu a sr.ª D. Maria Olga Morais Sarmento de Melo e Simas, filha do coronel de artilharia sr. Melo e Simas, ilustre astronomo e ex-ministro da Instrução Publica. O funeral sai da Tapada da Ajuda, ámanhã, ás 14 horas.

Os nossos sentidos pesames.

300 contos
Extracção a 28 de Janeiro
Habilite-se V. Ex.ª, na feliz casa
"GERMANA"
Bilhetes a 130$00
Vigessimos a 6$50
Pedidos a
Afonso Pereira de Carvalho
RUA DO MUNDO, 115
LISBOA

A TARDE PARLAMENTAR

Continuou HOJE a discussão

sobre a reforma bancaria

O gesto é tudo. O sr. dr. Alvaro de Castro, quando o jornalista chegou hoje, estava a discursar com o seu gesto habitual; gesto de pessoa que desenregela as mãos ao calor duma brazeira provincial. E ia dizendo, como se estivesse comentando a inciclica *Rerum novarum*, do Papa Leão XIII, coisas proficientes sobre o problema do operarindo, nas suas relações ilicitas com o decreto da seelagem.

Falou da mecanica economica; ocupou-se do desemprego como fenomeno de ordem geral; foi á França e ao Brasil buscar elementos de prova; citou a latitude da industria metalurgica; confundiu—com emenda oportuna—o imposto do selo com o imposto sobre as transacções; consumiu-se a explicar o seu criterio sobre o consumo; disse varios *et coetera;* trocou impressões em voz baixa com o sr. Almeida Ribeiro, que foi até ele, de casaco de *chômage*, mostrar-lhe um papel em segredo; bateu com as costas da mão direita na palma da contraria para afirmar que já de ha muito devia estar tudo devidamente taxado—sobretudo as aguas—; mostrou aos circunstantes, á laia de documento, um sabonete em segunda mão, mas ainda por servir; o sr. Antonio Maria da Silva cheirou e disse que sim com a cabeça; e... chegou o sr. Velhinho Correia, que pediu a palavra para declarar que não queria falar.

—Tem a palavra o sr. deputado Velhinho Correia.

—Desisto da palavra.

* * *

Anda nos ditos de graça da Camara um telegrama que um sujeito de Viseu mandou ao sr. Cunha Leal a dizer que não concorda com a oposição feita pelo ilustre parlamentar á reforma bancaria e que se desliga do partido porque o Banco Ultramarino se recusou a emprestar-lhe qüinze contos que não lhe faziam falta nenhuma.

—Aposto que se chama Matias!—pôs uma voz.

—Perdeu! Chama-se Gomes e é conego da Sé.

* * *

Na ordem do dia continuou a discussão do decreto sobre a reforma bancaria, falando o sr. dr. Nuno Simões que, logo de entrada, mandou para a mesa uma moção contra a malfadada obra do sr. dr. Pestana Junior.

Palavras do orador, sublinhadas com apoiados de varios lados da Camara:

—Estou absolutamente á vontade para falar alto e claro ao paiz, porque ainda o sr. dr. Pestana Junior não pensava em ocupar dentro do Directorio do seu partido o logar que hoje ocupa, e já a minha voz se erguia aqui a clamar contra todos os monopolios, arrostando com os perigos e com a má vontade que as especulações politicas facilmente engendram contra os homens de bem.

Com vehemencia:

—Não me tocam nem tocam a esta Camara as insinuações que lá fóra se andam fazendo á volta desta questão!

Varias vozes:

—Ordem! Ordem! sr. presidente!

O sr. presidente agitando a campainha:

—Peço a v. ex.as que façam menos sussuro, já que não posso pedir atenção.

—Agradeço a v. ex.ª. V. ex.ª é sobremaneira amavel chamando sussuro, apenas, a este barulho todo.

E depois de apertar o ministro num torniquete de numeros e factos insofismaveis, enrodilhando-o nas suas proprias afirmações:

—O sr. dr. Pestana Junior, com a sua atitude, só pode prejudicar o credito da banca portuguesa, precisamente quando lhe cumpria evitar, a todo o custo, esse prejuiso. Fez o sr. ministro algum inquerito sobre a situação das casas bancarias? Se o fez, porque não o diz á Camara, para justificar os radicalismos e as violencias do seu decreto?

* * *

O sr. Velhinho Correia, quando o orador estava a assoar-se, poz-se-lhe á frente a dizer qualquer coisa que não se percebeu na tribuna da imprensa; o sr. Nuno Simões olhou para ele como quem está a ouvir falar um estrangeiro; arrecadou o lenço, e arrumou mais esta zargunchada no sr. Pestana Junior:

—O que o país pregunta é para que são precisas mais leis, se as que existem não se cumprem! O que o país pregunta é porque não se castigam os que não respeitam as leis existentes!

* * *

Um membro do governo, falando com um correligionario, a certa altura do discurso do ilustre parlamentar:

—Isto está a complicar-se...

UM DESFALQUE

de 250 contos

As autoridades policiais do Brasil pediram á policia de investigação de Lisboa a captura de Manuel Machado Soares da Cunha, socio da antiga firma Soares da Cunha & C.ª estabelecida na rua do Mercado, 26, no Rio de Janeiro.

O referido comerciante tem 47 anos de idade, é natural de Braga, e é acusado de ter desfalcado a sociedade a que pertencia, em 250 contos de reis.

Apesar das deligencias empregadas pela policia brasileira, não foi preso, havendo a suspeita de que se evadisse para Portugal.

A sociedade desfalcada oferece um premio de 5 contos a quem o prender.

Quem será

o novo comissario dos abastecimentos?

Informam-nos da Arcada:

Consta que, em vista da recusa do sr. Peres Trancoso para ir desempenhar o cargo de Comissariado Geral dos Abastecimentos, será nomeado o antigo governador civil de Santarem e actual Comissario dos Abastecimentos no mesmo distrito, sr. Abel Silva.

Prisão de dois receptadores

Pela policia da esquadra dos Caminhos de Ferro foram presos Manuel Pereira, o *Cathordas*, e Manuel dos Santos Figueiredo, acusados de serem receptadores de roubos. Tendo sido passada uma rigorosa busca em sua casa na rua de S. João da Praça, 83, 4.º, ali foram encontradas roupas e outros objectos roubados, no valor de 25 contos, motivo porque vão ser entreguos á 3.ª secção da policia de investigação para se apurar a sua proveniencia.

A ITALIA

nas festas a Vasco da Gama

Entrou hoje no Tejo o couraçado italiano «Andréa Doria», que traz a seu bordo o almirante Geovanni Giusepe.

O couraçado salvou á terra com 21 tiros, e ao comando das forças navais com 11 tiros.

ANTONIO SOARES
E
CARLOS ROLO (CIDRAIS)
ADVOGADOS
Rua da Misericordia, 2 — PORTALEGRE

A POLITICA DA TARDE

HOJE

no G. P. D. foi aprovada uma moção de plena confiança ao actual governo

Varios parlamentares continuam afirmando que o governo está em terra com a Reforma Bancaria. Seria assim, já o dissemos e repetimo-lo, se a sucessão do actual ministerio fosse coisa de somenos que a boa vontade ou a ambição de quem quer que fosse pudesse rapidamente solucionar. Mas tal não é. Este governo, dado que caísse, só podia ter como legitimo sucessor o Partido Nacionalista. Esta verdade, conhecida e reconhecida como tal, tem feito com que muitos parlamentares do P. R. P. que não morrem de amor pelo sr. José Domingues dos Santos não votem contra ele no caso da Reforma Bancaria.

* * *

Ha quem traga já na algibeira um governo novinho em folha, espécie de cacharolete em que entrariam, se isso fosse ávante, todos os lados da Camara, á excepção dos catolicos e dos monarquicos. Tudo desabafos de quem se encontra fóra do Poder com imensos desejos de para lá voltar...

* * *

Hoje, á noite, o governo apresentar-se-ha ás comissões politicas do P. R. P. Muita gente que vê em tudo nuvens escuras, propala que nessa apresentação o governo ficará mal ferido. Temos sobejas razões para ajuizar o contrario e para afirmar que essa visita terá como consequencia imediata uma mais segura situação politica, junto desses organismos, e ha até quem afirme que da apresentação de hoje surgirá a necessidade duma maior união parlamentar do G. P. D. ao lado do governo, na questão da Reforma Bancaria, que, por certo, só ámanhã se resolverá.

* * *

A' hora a que escrevemos continua reunido o Grupo Parlamentar Democratico, com a ausencia muito pronunciada dos *bonzos*. Ao que consta, dessa reunião nada surgirá que obrigue a modificar a opinião que já formulámos.

* * *

A reunião do G. P. D. já terminou. Foi uma das mais concorridas, tendo falado os srs. Amadeu de Vasconcelos, Julio Gonçalves, Carlos Pereira, Herculano Galhardo, Victorino Godinho, Antonio Pais, Julio d'Abreu, José Domingues dos Santos e Pestana Junior.

A discussão foi, por vezes, acalorada e terminou, no meio do maior entusiasmo, com vivas á União do Partido e á Republica.

O sr. dr. Julio Gonçalves apresentou a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«Considerando que, com a publicação da Reforma Bancaria, o governo cumpriu uma determinação do Congresso do P. R. P., o G. P. D. reitera-lhe a sua confiança.»

* * *

Afirma-se que a sessão será prorogada e o debate terminará ainda hoje com absoluta victoria para o governo, por 15 ou 16 votos de maioria.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17
R. DOS FANQUEIROS, 114

OVOMALTINE
Estimula, fortifica e reconstitue. *A' venda nas farmacias e drogarias.*